

# Bancos comerciais e ajuda oficial

15 SET 1983

O governo de Washington, ao autorizar o Eximbank a abrir uma linha de crédito excepcional de US\$ 1,5 bilhão para financiar exportações para o Brasil, visou, antes de tudo, a estimular os bancos comerciais a aumentar seus financiamentos ligados ao comércio internacional brasileiro. Tal decisão foi aproveitada pelos bancos para sugerir a todos os países credores que assumam uma atitude idêntica à do governo norte-americano, a fim de que a "salvação" da economia brasileira se realize por meio de um engajamento tanto do setor privado quanto do setor público.

É preciso, em primeiro lugar, tomar consciência da importância dos financiamentos a curto prazo para o comércio internacional. Em junho de 1982, antes da crise, o Brasil tinha uma dívida a curto prazo de US\$ 12.008 milhões referente ao financiamento do seu comércio exterior (importação e exportação). A maior dívida era da Petrobrás — US\$ 4.924 milhões. No final de julho deste ano, tal dívida havia caído para US\$ 10.280 milhões (e hoje deve estar ainda menor), sendo que a participação dos financiamentos à Petrobrás caiu para US\$ 3.660 milhões (uma redução em um ano de US\$ 1.264 milhões).

A situação de estrangulamento cambial do Brasil deve-se, em grande parte, a essa redução das linhas de crédito ligadas ao comércio externo. Com efeito, o governo brasileiro teve de reembolsar a dívida vendida e não renovada, enquanto foi obrigado a pagar em cash a maior parte das importações.

A decisão do governo de Washington foi muito bem recebida, tanto pelos bancos norte-americanos quanto pelo governo brasileiro. Na verdade, o Eximbank está apenas dando seu aval para financiamentos ao Brasil. Isso significa que, mesmo aumentando seus empréstimos a curto prazo para o País, os bancos norte-americanos não incluem esse aumento no "risco Brasil", pois o devedor para eles é o Eximbank.

Isso permite ao País aumentar suas importações sem elevar seus desembolsos imediatos, sem a necessidade de receber adiantado as receitas de exportação. Se considerarmos os dados de 1981 e 1982, o saldo de caixa de nossa balança comercial foi sempre maior do que o saldo contábil até setembro do ano passado. E, a partir deste mês, verifica-se que está ocorrendo o inverso, registrando-se uma queda do volume de financiamentos a curto prazo do comércio externo brasileiro.

O exemplo norte-americano chama a atenção dos outros países, já que, se de um lado está reduzindo os riscos sobre o Brasil, por outro permite aumentar as exportações para nosso país.

Em todas as nações industrializadas existem organismos semelhantes ao Eximbank norte-americano: o Eximbank japonês, a Coface, na França, a Hermes, na República Federal da Alemanha, etc. Seria certamente possível obter de todos eles uma quantia igual ou ligeiramente superior à dada pelo Eximbank, o que permitiria aumentar o intercâmbio com o Brasil e aliviar consideravelmente nossos problemas de balanço de pagamentos, visto que voltaríamos a ter um financiamento igual e até superior ao registrado em junho de 1982.

Naturalmente, tal discussão somente pode ser iniciada após a aprovação pelo FMI do waiver que o governo brasileiro está solicitando. Pode-se dizer que tal pedido parece surpreendente, justamente no momento em que solicita ao Clube de Paris uma renegociação da dívida. Na realidade, o governo brasileiro encontra-se diante dessa obrigação por ter perdido linhas de crédito a curto prazo. Os países industrializados entenderão que a solução é favorável tanto para eles quanto para o Brasil, já que aumentarão suas exportações para nosso país e, ao mesmo tempo, permitirão ao governo brasileiro condições para sair de uma asfixia cambial que conduz à moratória.